

RELATOS ORAIS PARA UMA HISTÓRIA PRESENTE

João Ivo Puhl¹

O historiador que escreve sobre os acontecimentos do tempo presente defronta-se com desafios, considerados obstáculos quase irremovíveis pela longa predominância na historiografia das fontes escritas e da tradição de necessidade da objetividade nos procedimentos como o distanciamento do sujeito das operações de pesquisa e escrita, do seu objeto no tempo e no espaço. Os debates teóricos e metodológicos da historiografia contemporânea, principalmente das três últimas décadas do século XX apontam para a impossibilidade da neutralidade do sujeito produtor de conhecimentos. Mesmo trabalhando com objetos, remotos no tempo, o historiador sempre procede a partir das questões, dos modos de pensar e agir do seu tempo e cultura. Não pode despir-se dos condicionamentos culturais da língua em que escreve, dos *implícitos* que pressupõe a sua fala, dos modos de conceber as operações de pesquisa, das fontes e das formas de escrita próprias das disciplinas do seu tempo.

A história do presente, é um esforço recente entre os historiadores que foi ganhando o reconhecimento entre os pares e mais praticantes, principalmente no campo da história política com Remond (1996), que suscita um debate crítico nos estudos do *político* como campo de análise que torna possível tratar as realidades presentes, em micro e o macro escalas articuladas organicamente onde o indivíduo e os acontecimentos ganham espaço e significados, ao configurarem situações representadas como mais complexas e amplas nas quais estes atuam e ocorrem, influenciando-os ou sendo por eles modificados.

A abundância de fontes, a falta de sistematizações em arquivos já organizados, a possibilidade de confrontação com as memórias de testemunhas ainda vivas, entre outros problemas, tornam esta atividade mais desafiadora e complexa. Se o distanciamento entre o investigador e os seus objetos abordados na história do tempo presente não existe, esta pesquisa se apoiada em fontes orais produzidas em entrevistas e relatos de testemunhas dos acontecimentos em debate, cria situações problemáticas quase incontornáveis para o historiador. Apesar do quase interdito, nós e muitos outros historiadores e de outras áreas do conhecimento humano apostam, com cautela e criatividade crítica, neste caminho.

1. Uma experimentação.

Na construção de nossa dissertação entrevistamos trabalhadores rurais sobre situações vividas, há poucas décadas, na luta pela terra em Mato Grosso. Demonstraram medo de relatar fatos

¹ Professor mestre em História leciona a disciplina de História da América, da Universidade do Estado de Mato Grosso na cidade de Cáceres. O autor antes de ser professor foi, durante nove anos, técnico em educação popular na organização não governamental FASE – Federação de Órgãos para a Assistência Social e Educacional, atuando no Vale do Guaporé e no sudoeste de Mato Grosso, na capacitação e organização de trabalhadores rurais em tecnologias de produção agrocológica, associativismo para o processamento e comercialização, sindicalismo e de planejamento estratégico e participativo de desenvolvimento rural.

sobre os quais falar, ainda, é considerado perigoso. As questões que o historiador enfrenta ao usar fontes orais são, entre outras: a possibilidade do testemunho, a relação do relato com o passado mediado pela memória e as condicionantes sociais em que se situa o narrador. Utilizamos um tipo de análise de discursos, já que estes são práticas sociais determinadas pelo contexto sócio-histórico e parte constitutiva daquele contexto onde toda fala é uma forma de ação contextualizada. Abordar testemunhos exige técnicas de análise de textos orais com suas características de empostação, entonação, pausas, gaguejamentos e murmúrios que constituem propriamente a diagramação desses textos se comparados aos textos impressos. O historiador sabe que o testemunho da memorial ou o relato arquivado perde seu caráter de recordação, de algo vivo e adquire estatuto de documento. O testemunho e a historiografia são fontes produtoras de memórias e de tradições, ditando o que do passado deve ser presentificado e reconstruído e o que esquecido e olvidado. As narrativas são uma prática social de exercício de poder dos trabalhadores contextualizados.

Inspirados na experiência da micro-análise como estratégia metodológica para o estudo das especificidades do processo de ocupação da gleba São Domingos, no Município de Pontes e Lacerda-MT, explorando um conjunto de trajetórias de vida de pequenos agricultores ou produtores envolvidos, para compreender as diversas estratégias de ação dos posseiros e aliados, utilizamos os relatos para construir breves biografias das principais lideranças e depoentes. As biografias, trajetórias e histórias de vida foram utilizadas indistintamente, entrecruzando a sua riqueza na análise das estratégias individuais de luta pela sobrevivência e suas alianças aparentemente contraditórias, mas significativas no contexto sócio-cultural (Revel: 1998; Levi: 2000). Em cada momento do conflito as ações dos indivíduos indicam as estratégias para enfraquecerem os argumentos e as forças dos adversários na tentativa de conquistar novos aliados fora do campo dos embates. As alianças revelam um conhecimento profundo da realidade social e política do estado, por parte dos posseiros e sua capacidade de moverem-se na direção dos seus interesses e objetivos. Suas práticas demonstram conhecimento da legislação sobre o módulo rural regional, a função social da propriedade, a desapropriação por interesse social em casos de tensão ou conflito social. Foram, às vezes, vítimas da violência dos pistoleiros e de policiais, mas se apresentam como agentes capazes de infringirem as leis, desafiarem o *status quo* e de contrariarem os interesses dos proprietários privados. Mostraram-se hábeis para invocarem a legalidade de seus atos, buscarem alianças perigosas mesmo com setores que depois poderiam prejudicá-los. Foram eficientes nas alianças políticas para exigirem a atuação do Estado para reconhecer seus direitos.

Seguiu-se o caminho da experimentação estimulada pelas análises da micro-história, que propõe a *variação de escala da análise*, porque *a escolha de uma escala particular de observação produz efeitos de conhecimento, e pode ser posta a serviço de estratégias de conhecimentos. Variar a objetiva (...) significa modificar sua forma e sua trama* (REVEL, 1998: 20). Se a escala muda o

conteúdo da representação ou a escolha do que é representável, a micro-análise da ocupação do vale do Guaporé, desde a gleba São Domingos através das trajetórias de vida dos seus principais atores, poderia ser uma estratégia fecunda. Analisamos as experiências cotidianas vivenciadas pelos posseiros, na trajetória de ocupação e enfrentamentos na Gleba São Domingos, para mostrar a especificidade dos acontecimentos, que estão entrelaçados com as macro-realidades.

A análise das trajetórias de vida e estratégias das principais lideranças dos posseiros apontou-nos a justeza desta perspectiva, pois eles atuam em diversas frentes e com táticas que a primeira vista aparecem muito contraditórias e distantes do *politicamente correto*, surpreendem pela sua capacidade e desembaraço ao se moverem no campo político o tempo todo, assumindo novas identidades ou apenas, pondo em ação táticas diferentes. Há também uma multiplicidade de tempos a considerar: o tempo conflituoso do grilo e o tempo da legalização das terras e da organização da produção na gleba. Nestes contextos e tempos múltiplos, eles se moveram, agiram e reagiram construindo relações de aliança e de confronto com outras forças sociais.

Revel observou que, *no curso da vida de cada um de uma maneira cíclica, nascem problemas, incertezas, escolhas, uma política da vida cotidiana que tem seu centro na utilização estratégica das regras sociais* (1998: 22). Assim, a abordagem das trajetórias de vida dos diversos atores revelou estratégias diversas que construíram com sucesso a história geral da conquista da terra na gleba São Domingos e em outras do Vale do Guaporé, que influenciaram a construção de estratégias de posseiros em várias áreas do Estado. As estratégias individuais, articuladas aos sistemas sociais influenciaram e interferiram na história geral de transformação das estruturas agrárias vigentes na região. A abordagem experimentada, explicita as dimensões sociais das ações dos indivíduos, nas trajetórias de vida. Enfrentaram problemas, viveram incertezas e realizaram escolhas, no cotidiano dos conflitos, explorando as possibilidades contraditórias abertas pelas regras sociais vigentes.

2. Os relatos orais como fontes da história do presente

Tratando-se da história do presente, as fontes orais possibilitaram a utilização de depoimentos de testemunhas que vivenciaram os acontecimentos. Representam um ponto de vista cultural, pois o que falam e informam não só fala delas mesmas, mas de uma realidade social mais ampla. Reconhece-se a história oral não só como método de pesquisa histórica, mas recorreu-se a aos seus procedimentos porque entrevistamos prioritariamente os agentes sociais envolvidos, como estratégia de aproximação da luta pela terra, em São Domingos, objeto de nosso estudo. Entendemos, que contribuímos para a produção de outras fontes documentais e à reflexão do tempo presente, pois *trata-se de estudar acontecimentos históricos,(...) à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam* (ALBERTI, 1989: 2). Entrevistamos, em três períodos, várias testemunhas que viveram a experiência de serem posseiros, lideranças sindicais,

funcionários públicos, militantes partidários, políticos, professores rurais e comerciantes que vivem em Pontes e Lacerda, São Domingos e Cuiabá.

A respeito dos procedimentos para a análise das fontes orais privilegiamos autores que através de seus trabalhos nos auxiliaram mais de perto. Antônio Montenegro, sobretudo em seu livro, *História oral e memória* (1992), mostra como a revisitação da memória dos moradores de um bairro em Recife demonstrou ser uma estratégia política, instrumento de luta e caminho para garantir o direito básico a terra no local de moradia. A investigação do historiador contribuiu para registrar a luta pela terra e para a construção da cidadania. Além destes aspectos, o autor mostra como os relatos se enraízam profundamente na memória social ou coletiva do grupo e fornecem a quem constrói uma história, elementos para uma análise cultural. Em outro texto, Montenegro (2001), exercita uma nova leitura de relatos produzidos no passado e que considera depoimentos de bons narradores. Contrariando Walter Benjamin, o autor defende a tese de que a modernidade não acabou com os narradores e a narrativa não está em crise, mas na sua experiência constata que nem todas as pessoas são capazes de construir uma boa narrativa. Traça as características de bons narradores, a partir daqueles entrevistados na sua trajetória de pesquisador em história oral.

Considerando este perfil, procuramos selecionar as entrevistas daqueles que foram avaliados como bons narradores, encontrados no universo da pesquisa, onde uns, melhor que outros, construíram relatos expressivos da experiência social vivida no *tempo do grilo*.

Recorremos também a experiência de outros estudiosos que analisam e utilizam as fontes orais em seus trabalhos e seguimos, em boa parte, a proposta que Guimarães Neto (2000) apresenta nos seguintes procedimentos essenciais:

Primeiro, é preciso observar os laços que unem o relato oral e a escrita e perceber que *fazem parte, tanto um quanto a outra do sistema escriturístico moderno, operando com os mesmos códigos de referência cultural* (p.101). Não há uma ruptura entre os relatos orais e a escrita, porque não representam tradições de mundos culturais diferentes e apartados um do outro. Contam com suas especificidades, mas são partes da mesma tradição escriturística moderna. Todos os seus membros, analfabetos ou não, comungam a base cultural comum em seu tempo e contexto espacial. Assim, os seus depoimentos são manifestações sintomáticas da cultura e tradição comum, possibilitando partir da análise dos relatos como expressões deste micro-cosmo sócio-cultural.

Segundo, é necessário reconhecer que *contar, falar*, assim como escrever, são ações estratégicas de *produção de textos e de discursos estratégicos* (p.102) que tratam de ordenar e exercer poderes num contexto de relações num presente sobre um passado. O depoente entrevistado põe em ação uma estratégia de poder, no presente sobre o passado, que seu discurso elabora a partir das suas recordações e ordena num verdadeiro exercício de poder entre os seus pares e diante de quem o entrevista. As entrevistas colhidas na pesquisa de campo foram analisadas como estratégias

de poder dos autores dos discursos, na batalha pela interpretação do passado que respalda e justifica suas posições no presente.

Terceiro, é importante considerar que no *relato oral* estão inscritos os mesmos *desejos, reproduzem-se modelos, apreendem-se fugas* (p.102) como num texto escrito, pois eles têm *a mesma referência cultural* (p.101). Trata-se da dessacralização das fontes escritas e de relativizar as críticas que reduzem os relatos orais a fontes suplementares, contra as quais o pesquisador deveria precaver-se por seu caráter ideológico ou como procedentes de outra tradição lógica. A autora afirma que em ambas as fontes estão inscritas as mesmas referências culturais, se manifestam os mesmos desejos, se reproduzem os modelos e se apreendem as mesmas fugas. O caminho do historiador será a análise crítica tanto do relato oral quanto do relato escrito, pois o problema está nos procedimentos de análise e na especificidade da fonte, dos quais dependem os resultados.

Quarto, estamos convencidos que os relatos são textos possíveis de serem lidos e interpretados da mesma forma que *um texto articulador de discursos* (p.102). Os entrevistados, ao deporem, estão fazendo algo mais que recordarem ou lembrarem um passado remoto e morto ou neutro, mas ao relatarem partem de um ponto de vista do presente, pois articulam um discurso engajado e articulado sobre o passado em que não só ordenam fatos e acontecimentos de acordo com uma seqüência cronológica, mas sobretudo os interpretam e organizam de acordo com os seus desejos, interesses e capacidade narrativa. Os esquecimentos e as omissões não são apenas lapsos da memória, mas partes da estratégia que dá organicidade e coerência ao discurso e justifica as suas práticas atuais.

Os relatos orais foram produzidos seguindo-se livremente um roteiro de questões para cada entrevista, pois procurava-se registros das experiências do tempo da ocupação ou do grilo e do período, após a desapropriação, da regularização. A preocupação era recolher relatos sobre o cotidiano e as práticas dos posseiros, a vida das lideranças no período da ocupação, as experiências dos confrontos e das alianças. Alguns depoentes foram escolhidos, primeiramente porque já eram conhecidos, do tempo de trabalho na FASE e os outros foram indicados pelos contatos com os primeiros entrevistados. Combinada a data, local e horário a entrevista se realizava, em geral, na casa do depoente ou em local reservado para oferecer ambiente sigiloso e tranquilo. Todos os entrevistados autorizaram a gravação feita, que depois foi transcrita.

3. Exemplificando situações.

Apresentamos alguns exemplos de questões problemáticas, mais comuns que encontramos nos relatos. Escolhemos depoimentos com riqueza de detalhes para explicitar o problema da inexatidão da memória a respeito de datas e acontecimentos. Teríamos vários exemplos outros como: situação de medo de relatar o que o depoente viveu por considerar as revelações perigosas

para ele e outros atores; a interferência das disputas políticas do presente na interpretação do passado.

As memórias das associações de lavradores como a da Máquina Queimada e de outras que surgiram na gleba São Domingos, durante as décadas de 1980 e 90, encontram-se registradas em livros de atas de assembléias e outras formas de escritos e impressos, mas também podemos encontrá-las nos relatos orais, como este:

Conheço a história da associação da Máquina Queimada, mais ou menos. A associação, ela começou pequenininha. Não onde ela está hoje, era mais aqui pra baixo, ali perto das terras do popular Zé da Abóbora. A associação, eu não lembro com quantas pessoas começou, mas começou com um bom tanto de gente. Eu num lembro o ano (...) já faz muito tempo. Começou com uma maquininha de arroz pequenininha (Genésio:2001).

Confrontando a ata da assembléia de fundação da Associação com o relato de Genésio de Oliveira, constata-se que teve dúvidas sobre o número de participantes e em relação ao ano em que ocorreu. A ata, porém, registrou que a data é o dia 3 de janeiro de 1988 e foram 106 sócios fundadores que a subscreveram (Livro de Atas, fls. 01 e 02).

Ressaltamos que Genésio relatou com detalhes suas primeiras impressões, ao chegar em 1983 aquele local, mas não recordou com a mesma clarividência acontecimentos mais próximos no tempo, como a criação da associação. Os estudos da memória relacionam este fato a intensidade emocional com que uma experiência foi vivida e sentida por quem relata. Pode-se perceber que a ata, ao contrário do relato oral, mostra que a associação começou grande, mas indica que já em outubro, estava em crise porque o número de participantes caiu abaixo de vinte. Além disso, ao construir o relato não conseguiu lembrar as pessoas que lideraram este processo, como mostra a fala do Genésio, a este respeito: *quem começou ela, meu Deus, quem que começou? (...) oh rapaz, agora você me deixou meio... [não lembrou mais e mudou de assunto].*

Estes lapsos de memória são comuns nos relatos orais. O seu significado, no conjunto da estratégia discursiva daquele que recorda, testemunha e constrói uma versão dos fatos do passado, depende da intensidade da vivência e da sua função tática ou estratégica no confronto, com possíveis outras versões, no presente. Atas são escritos formais que economizam nos detalhes e expressam as informações em linguagem estereotipada, comum nestes registros. Dificultam a compreensão dos procedimentos deliberativos e são registros intencionais, para oficializar a memória de decisões a preservar do esquecimento.

A memória da vida da associação da Máquina Queimada atualizada no relato do Genésio, foi bastante vaga, pois a experiência vivenciada foi inexpressiva. Teve pouca participação, como relatou: *não entrei de sócio, mas de vez em quando eu ia na reunião escutar coisa e outra. Assim, quando começou na maquininha, lá embaixo, eu não era sócio, mas foi depois que me associei.* Associar-se

posteriormente, imprime à experiência do depoente a característica de recordar com dificuldades e sem precisão, os fatos e os personagens. Nestes casos há necessidade de recorrer a outras fontes e relatos.

4. Bibliografia e fontes

- ACHARD, Pierre, et ali. *Papel da Memória*. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- ALBERTI, Verena. *Programa de História Oral do CPEDOC*. Rio de Janeiro: FGV, 1990.
- LEVI, Giovanni. *A herança Imaterial: a trajetória de um exorcista no Piemonte no século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *Artes da Memória, Fontes Orais e Relato histórico*. p. 99-114. In *Revista História e Perspectivas*,UFU-Uberlândia-MG. Edufu, n. 23 jul/dez/2000.
- MONTENEGRO, Antônio Torres. *História Oral e Memória: A cultura Popular Revisitada*. São Paulo: Ed. Contexto, 1992.
- _____. *Padres e Artesões: Narradores Itinerantes*. In *História Oral* n. 4. Associação Brasileira de História Oral. São Paulo: julho/2001. p. 39-54.
- MORAES FERREIRA, Marieta de e AMADO, Janaína (org). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.
- V. A. *Revista Projeto História. Ética e História Oral*.n. 15, abril de 1997, 293 p.
- REMOND, René (Org). *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- REVEL, Jacques (org). *Jogos de Escalas. A Experiência da Micro-análise*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1988.
- Entrevista com Genésio de Oliveira, em agosto 2001, lavrador do município Vale do São Domingos – MT.